

SITUAÇÕES DE RISCO E SITUAÇÕES DE  
PROTEÇÃO NAS REDES SOCIAIS DE  
ADOLESCENTES

Eixo Práticas



Portal de formação a distância  
**sujeitos, contextos e drogas**

[aberta.senad.gov.br](http://aberta.senad.gov.br)

## APRESENTAÇÃO

---

O foco deste módulo consiste em demonstrar a relevância da identificação de situações de riscos decorrentes do envolvimento com drogas entre adolescentes, por meio da avaliação das redes sociais. Pretende, também, relacionar a diversidade de fatores contextuais e pessoais que constituem risco ou proteção para uso de drogas na adolescência e abordar os modelos de prevenção na escola, identificando posturas preventivas ao consumo de drogas no cotidiano escolar.

## AUTORIA

---



### Maria Fátima Olivier Sudbrack

[lattes.cnpq.br/8622381143143345](https://lattes.cnpq.br/8622381143143345)

Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, doutora em Psicologia e pós-doutora em Psicossociologia pela Université Paris-VII. Professora titular e coordenadora do Programa de Estudos e Atenção às Dependências Químicas (1991-2015) da Universidade de Brasília. Ex-presidente da Associação Brasileira Multidisciplinar de Estudos sobre Álcool e outras Drogas (ABRAMD). Possui significativa experiência e publicações como terapeuta de famílias, gestora de projetos, intervenções comunitárias com adolescentes envolvidos com drogas e atos infracionais.



### Marília Mendes Almeida

[lattes.cnpq.br/1384439831104780](https://lattes.cnpq.br/1384439831104780)

Doutora em Pró-ensino na Saúde pela Universidade de Brasília, mestre em Psicologia Clínica e Cultura e Graduada em Psicologia pela mesma universidade. Trabalha atualmente como Diretora de Saúde Mental, na Subsecretaria do Sistema Socioeducativo da Secretaria de Estado de Políticas para Crianças, Adolescentes e Juventude. Atua principalmente nos seguintes temas: ensino na saúde, formação profissional para atuação na atenção ao usuário de drogas, políticas públicas de atenção ao usuário de drogas, prevenção ao uso de drogas, redes sociais, contextos de risco e de proteção na adolescência, socioeducação.



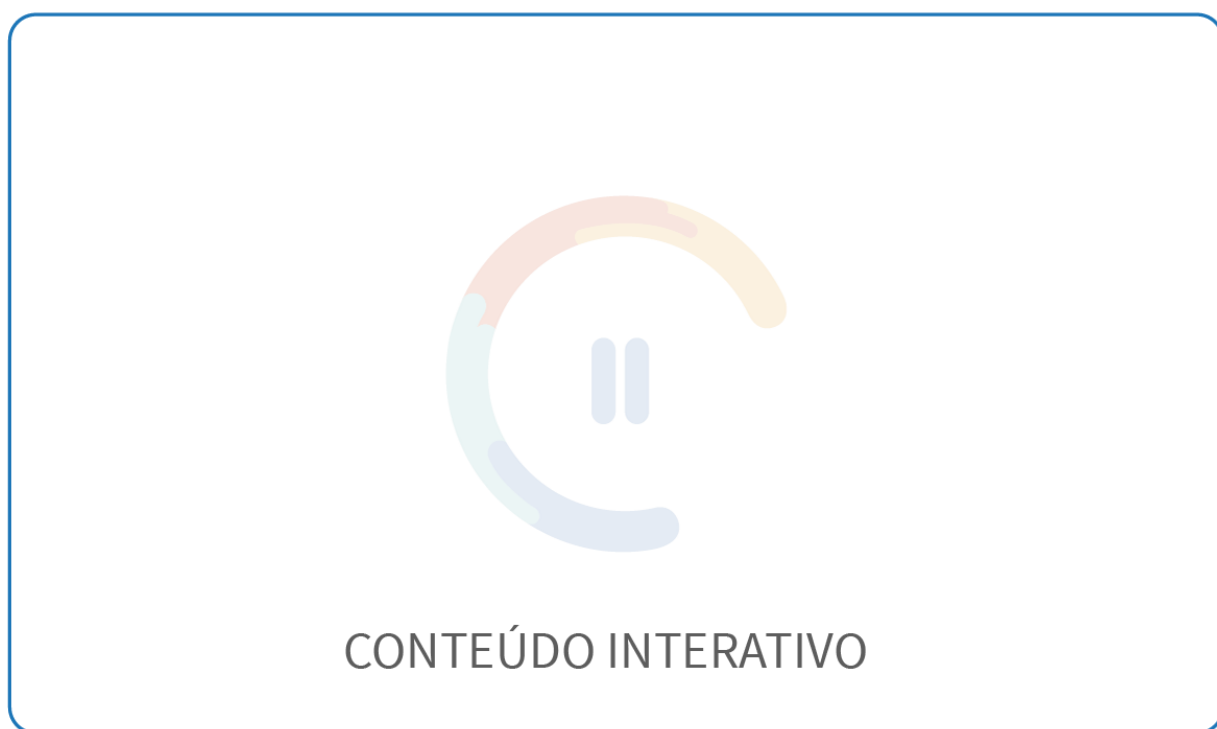
### Juliana dos Santos Borges

# SITUAÇÕES DE RISCO E SITUAÇÕES DE PROTEÇÃO NAS REDES SOCIAIS DE ADOLESCENTES

## SITUAÇÃO PROBLEMATIZADORA

---

Conseguir compreender a problemática das drogas na adolescência, por meio de uma visão ampla e multideterminada, é um dos maiores desafios para os educadores. Em razão disso, sugerimos que você inicie este módulo assistindo ao vídeo *Qual é a boa?*, produzido pela Universidade de Brasília (UNB) para o *Curso de Prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas*, o qual ilustra a importância de o adolescente se sentir pertencente a um grupo de referência. É o sentimento de querer pertencer a algum grupo que faz o jovem buscar as redes sociais, como família, escola, amigos e comunidade. Essas redes – dependendo do contexto, da natureza e da qualidade dessas relações no momento de vida específico do adolescente – podem funcionar, todavia, tanto como fatores de proteção quanto como fatores de risco para o uso de drogas.



<https://youtu.be/MEgw7A62R2A>

Após assistir ao vídeo, reflita sobre quais são os fatores de risco e quais são os fatores de proteção presentes na situação enfrentada pelo aluno Marcílio.

Compreenda melhor a temática das situações de risco e situações de proteção nas redes sociais lendo este módulo.

# SITUAÇÕES DE RISCO E SITUAÇÕES DE PROTEÇÃO NAS REDES SOCIAIS DE ADOLESCENTES

## REDES SOCIAIS E PREVENÇÃO DO USO DE DROGAS NO CONTEXTO DA ESCOLA

---



**Figura 1:** Representação sistêmica das diferentes redes sociais de um adolescente. **Fonte:** NUTE-UFSC (2016).

A depender do contexto em que pode haver problemas relacionados ao uso de drogas, a prevenção a esse uso pode adotar diferentes modos de agir. Para trabalhar a prevenção em adolescentes no contexto escolar, a visão relacional sistêmica traz ao educador a prática de redes sociais. Essa prática possibilita englobar as diferentes formas pelas quais o adolescente se sente pertencente a um grupo de pessoas, o qual ele se identifica e o qual ele considera como sendo composto por pessoas significativas. Assim, o grupo em que ele busca se relacionar e interagir de maneira regular, forma a sua rede social. **Rede social é, então, o conjunto de relações significativas de uma pessoa.**

Na adolescência, as relações que o indivíduo vivencia e estabelece com o mundo influenciam na forma como ele se percebe, como estrutura sua identidade e como desenvolve seus hábitos de autocuidado, projetos de vida e perspectivas. Podemos dizer, portanto, que a rede social contribui para o autorreconhecimento.

A forma como o adolescente se relaciona com as pessoas à sua volta pode, no entanto, constituir-se em um fator de risco ou um fator de proteção.

**Fatores de risco** são aquelas situações que aumentam a probabilidade de o adolescente assumir comportamentos de risco, tais como usar drogas, enquanto **fatores de proteção** são aqueles que diminuem a probabilidade de o adolescente assumir tais comportamentos de risco.

Algumas situações são classificadas como fatores de risco ou de proteção, como veremos mais adiante; contudo, é preciso entender que os fatores que representam risco para um determinado adolescente podem representar proteção para outro. Por exemplo, um adolescente tímido pode precisar usar drogas para se expressar melhor e, assim, entrar em um grupo de amizades. Em contrapartida, a timidez de outro

adolescente pode afastá-lo de um grupo em que haja consumo de drogas. Um pai que tem um consumo exagerado de álcool pode incentivar um adolescente a ter contato com bebidas alcoólicas precocemente. Já em outro caso, o consumo exagerado de álcool pelo pai pode servir como um exemplo a não ser seguido pelo adolescente.

Vemos, então, que os fatores de risco e os de proteção obedecem a uma lógica muito individual e ganham sentido de forma única para cada um. Por isso, o educador deve estar atento aos adolescentes e não ter concepções pré-formadas.

A visão sistêmica da adolescência e a problemática da droga lançam, aos educadores, alguns desafios, tais como: buscar, com um olhar relacional, compreender o adolescente e os grupos aos quais ele pertence (escola, família, comunidade, amigos etc.) e agir, por meio de intervenção contextualizada, na realidade do adolescente e de suas relações.

Tendo em vista essas considerações, cabe acentuar que a rede social é, portanto, de fundamental importância para uma compreensão mais inteira dos processos de integração psicossocial, de promoção do bem-estar, de desenvolvimento da identidade e de consolidação dos potenciais de mudança. No caso da **prevenção** desenvolvida no contexto escolar, a proposta é que o educador, por ter a possibilidade de contato com o aluno adolescente, possa considerá-lo não somente como um indivíduo com problemas pessoais, mas também como um indivíduo que se (re)constrói na própria rede social, da qual o educador, a escola, os colegas, a família e a comunidade fazem parte.

Nesse sentido, as questões enfrentadas pelo educador na escola não se referem unicamente ao aluno, mas a todo o sistema no qual ele se inclui.

Na prática de redes sociais, o papel do educador se amplia à medida que ele se reconhece como parte da rede dos alunos; reconhece outras pessoas e instituições dessa rede; compreende a função que cada integrante da rede está exercendo na vida do adolescente; e identifica riscos e potenciais presentes nas relações estabelecidas.

### Saiba mais

Para entender melhor sobre o modelo de prevenção baseada em promoção de saúde acesse o módulo **Prevenção dos problemas relacionados ao uso de drogas** (<http://www.aberta.senad.gov.br/modulos/capa/prevencao-dos-problemas-relacionados-ao-uso-de-drogas>).

## SITUAÇÕES DE RISCO E SITUAÇÕES DE PROTEÇÃO NAS REDES SOCIAIS DE ADOLESCENTES

### MAPEAMENTO DAS REDES SOCIAIS

---

Para auxiliar o educador na tarefa de mapeamento, existe um modelo de avaliação de rede social que propõe que as relações de um adolescente sejam entendidas em níveis gradativos de intimidade e em diferentes locais ou contextos de pertencimento (família, amigos, relações escolares ou de trabalho, relações comunitárias, de serviço ou de credo).

Esse modelo propõe ainda que a rede e as relações possuam determinadas características, funções e atributos.

Vejamos, então, detalhadamente os três níveis de análise da rede social.

### CARACTERÍSTICAS ESTRUTURAIS

---

São as propriedades da rede em seu conjunto:

- **tamanho:** o número de pessoas existentes;
- **densidade:** a conexão entre os membros, independentemente do adolescente; se as pessoas mantêm contato e conversam sobre o adolescente, mesmo sem a presença dele;
- **composição ou distribuição:** concentração de pessoas em cada contexto de pertencimento em relação ao número total de pessoas;
- **dispersão:** distância geográfica entre os membros ou possibilidade de acesso aos membros da rede;

- **homogeneidade ou heterogeneidade:** diferenças de idade, sexo, nível socioeconômico e cultural;
- **atributos do vínculo:** intensidade, compromisso da relação, durabilidade e história em comum.

## AS FUNÇÕES ESPECÍFICAS DA REDE

---

São as formas predominantes de relacionamento que se estabelecem entre o adolescente e as pessoas da rede com as quais ele convive:

- **companhia social:** realização conjunta de atividades ou compartilhamento da rotina cotidiana;
- **apoio emocional:** pessoas mais íntimas, que permitem um clima de compreensão, simpatia, empatia e estímulo;
- **guia cognitivo e de conselhos:** interações destinadas a compartilhar informações, esclarecer expectativas etc.;
- **regulação social:** interações que lembram e reafirmam responsabilidades e papéis, neutralizam os desvios de comportamento, favorecem resolução de conflitos etc.;
- **ajuda material e de serviços:** pessoas ou instituições que contribuem com informações e conhecimento sobre serviços e necessidades materiais;
- **acesso a novos contatos:** pessoas ou instituições que ajudam a ampliar a rede social, por meio de conexões com novas pessoas.

## OS ATRIBUTOS DO VÍNCULO

---

São as formas como cada relação se comporta dentro da rede social:

- função predominante ou combinação de funções que caracterizam predominantemente cada vínculo;
- multidimensionalidade ou o número de funções que cada vínculo desempenha;
- reciprocidade entre as funções desempenhadas pelo adolescente e a pessoa da rede em questão;
- intensidade, compromisso ou grau de intimidade da relação;
- frequência ou manutenção ativa dos contatos;
- história da relação.

Em relação à proposta de trabalho, podemos afirmar que o mapeamento de redes sociais, realizado junto a educadores e alunos de escola pública para prevenção do uso de drogas, permite que essas redes se tornem visíveis e materializadas. O processo de mapeamento é, portanto, o primeiro passo para conhecer e ter um primeiro contato com a rede social dos alunos adolescentes.

Ações de intervenção baseadas na prática de redes sociais ampliam as possibilidades do educador, o qual pode, junto ao adolescente, pensar quais pessoas da rede podem se aproximar mais, quais relações podem ser fortalecidas e quais delas estão protegendo o adolescente. Da mesma forma, adolescente e educador podem refletir sobre as relações que estão aproximando o adolescente de situações de risco. Um adolescente, por exemplo, que não tem muitas relações ou que suas relações não têm qualidade, não são afetivas e não o protegem é um adolescente em contexto de risco de vulnerabilidade para o uso de drogas. Tendo em vista essas considerações, cabe ainda informar que as intervenções baseadas na prática de redes sociais são importantes pois, à medida que o educador e os alunos começam a se perceber como parte constituinte da identidade uns dos outros, passam também a desenvolver relações de maior confiança entre si. Assim, é bem possível que emergja a questão da droga que permeia a rede social de forma mais ampla e também mais específica, criando um ótimo contexto para serem articuladas propostas de prevenção do uso de drogas na adolescência.

Quais seriam então os mecanismos ou processos mediadores entre a rede social e a saúde do indivíduo?

## Momento Cultural

Na música *O meu guri* (<https://youtu.be/xAKoIC3PqR4>) de Chico Buarque de Holanda, o compositor utiliza a linguagem do samba canção para mostrar a situação de um personagem adolescente que, por questões da condição de vulnerabilidade social de sua família, traça os passos de sua história e acaba colocando-o em contextos de risco. Mesmo que a relação entre mãe e filho, apresentada pelo compositor, contenha certa cumplicidade afetiva, a canção nos inspira a refletir sobre contextos de vulnerabilidade, os quais estão ao fundo das condições de risco de muitos jovens. Tais condições podem passar despercebidas quando se foca só no comportamento, na psicopatologia ou nos problemas relacionados. Assim, nesse contexto dos personagens da canção, um conjunto de relações significativas possibilitariam fatores de proteção e auxiliariam na percepção dos problemas nos quais o adolescente estava envolvido.

### **O MEU GURI (Chico Buarque de Holanda)**

Quando, seu moço, nasceu meu rebento  
Não era o momento dele rebentar  
Já foi nascendo com cara de fome  
E eu não tinha nem nome pra lhe dar

Como fui levando não sei lhe explicar  
Fui assim levando ele a me levar  
E na sua meninice, ele um dia me disse  
Que chegava lá

Olha aí! Olha aí!  
Olha aí!  
Ai, o meu guri, olha aí!  
Olha aí!  
É o meu guri e ele chega

Chega suado e veloz do batente  
Traz sempre um presente pra me encabular  
Tanta corrente de ouro, seu moço  
Que haja pescoço pra enfiar

Me trouxe uma bolsa já com tudo dentro  
Chave, caderneta, terço e patuá  
Um lenço e uma penca de documentos  
Pra finalmente eu me identificar  
Olha aí!

Olha aí!  
Ai, o meu guri, olha aí!  
Olha aí!  
É o meu guri e ele chega!

Chega no morro com carregamento  
Pulseira, cimento, relógio, pneu, gravador  
Rezo até ele chegar cá no alto  
Essa onda de assaltos está um horror

Eu consolo ele, ele me consola  
Boto ele no colo pra ele me ninar  
De repente acordo, olho pro lado  
E o danado já foi trabalhar

Olha aí!

Olha aí!

Ai o meu guri, olha aí!

Olha aí!

É o meu guri e ele chega!

Chega estampado, manchete, retrato  
Com venda nos olhos, legenda e as iniciais  
Eu não entendo essa gente, seu moço  
Fazendo alvoroço demais

O guri no mato, acho que tá rindo  
Acho que tá lindo de papo pro ar  
Desde o começo eu não disse, seu moço!  
Ele disse que chegava lá

**Fonte:** Chico Buarque (1981).

Não só o tamanho, mas a densidade da rede tem influência sobre a saúde e o bem-estar do adolescente; ou seja, a forma com que as pessoas que compõem a rede se relacionam entre si pode proteger ou colocar o adolescente em risco. Sendo assim, se as pessoas importantes na vida do adolescente estão conversando, se a escola conversa com a família, se a família conversa com os amigos, essas pessoas podem compartilhar questões, preocupações, alegrias sem que uma determinada pessoa fique sobrecarregada. Essas pessoas podem juntar forças para proteger e cuidar desse adolescente.

No entanto, é importante que essas relações não sejam estreitas demais ao ponto de não permitir que o adolescente tenha espaços diferenciados, ou seja, espaços nos quais ele possa ficar só ou ficar com seus pares. Por exemplo, se a família e os amigos têm uma relação tão próxima a ponto de o adolescente não diferenciar o espaço da família e o espaço dos amigos, essa é uma rede que pode colocar o adolescente em risco, pois, em vez dele participar de dois espaços distintos, a fim de exercer diferentes papéis e, portanto, enxergar-se de diferentes formas, o adolescente, nesse caso, tem apenas um espaço compartilhado. Essa situação faz com que haja um empobrecimento de lugares sociais.

Outro fator de risco que pode afetar a rede é a ocorrência de adoecimentos prolongados. Doenças podem gerar afastamento e isolamento do adolescente de sua rede, uma vez que o adolescente pode parar de procurar as pessoas à sua volta e/ou as pessoas podem se afastar dele. Independente do que acontecer primeiro (o afastamento ou a doença), uma coisa pode levar a outra, numa espécie de círculo vicioso. Essa situação pode acontecer quando a doença diminui a reciprocidade entre aquele que está doente e as pessoas à sua volta, tornando, assim, os comportamentos de cuidado para com ele pouco gratificantes.

Como pensar, no âmbito da saúde, os processos acima descritos em relação ao uso de drogas e seus efeitos sobre a rede social pessoal do adolescente?

Sabemos que os adolescentes que se envolvem em situações de consumo de drogas geram conflitos e questões que podem diminuir a qualidade de vida, a qualidade de suas relações e o potencial de proteção de alguns grupos aos quais o adolescente pertence. Em contrapartida, quando o adolescente se envolve com o uso de álcool e outras drogas, uma rede social estável, sensível, ativa e confiável tem maior capacidade de proteger o adolescente, pois ela pode atuar como agente de ajuda, encaminhando à utilização de serviços de saúde ou ampliação e ativação de outros serviços ou pessoas, a fim de lidar com as demandas que começam a surgir.

A longo prazo, a tendência é que os grupos de relações que não compartilham do uso de drogas se afastem afetivamente do adolescente. Por exemplo, é comum as escolas isolarem ou expulsarem o adolescente que faz uso de drogas; as famílias tomarem posturas rígidas, sem diálogo, o que diminui a afetividade da relação; ou os amigos se afastarem. Dessa forma, o adolescente tem cada vez menos espaço para



se relacionar em contextos sem a presença de drogas.

Nesse sentido, podemos dizer que as relações do adolescente são abaladas por seu uso de drogas. Por essa razão, é importante compreender como o uso afeta a rede e como a rede reage: as pessoas da rede se mobilizaram para proteger o adolescente? A rede se enfraqueceu com o afastamento das pessoas? Com quem o adolescente conta?

Levando-se em consideração que a droga esteve presente em nossa sociedade e cultura ao longo de todos os tempos, e que hoje ela faz parte dos ambientes e situações do dia a dia tanto do adolescente como de sua família, importa expor que o trabalho de prevenção deve considerar:

- a compreensão dos fatores de risco para o uso de drogas e para o envolvimento em contextos que permeiam o uso, como tráfico de drogas e ambientes de violência;
- fatores de proteção presentes na rede social do adolescente.

## SITUAÇÕES DE RISCO E SITUAÇÕES DE PROTEÇÃO NAS REDES SOCIAIS DE ADOLESCENTES

### FUNDAMENTOS DA PRÁTICA DE REDES SOCIAIS NAS AÇÕES PREVENTIVAS DO USO DE DROGAS NO CONTEXTO DA ESCOLA

---

O processo de reflexão e autoconhecimento do adolescente sobre os fatores de risco e proteção para o uso de álcool e outras drogas é o que o torna mais consciente de suas relações, das relações presentes e das possibilidades de relações futuras. Ao passo que os fatores de risco se tornam conhecidos, é possível compartilhá-los com amigos, educadores, família, buscando formas e estratégias de transformação.

A prática de redes, direcionada para a compreensão de como os fatores de risco e proteção se articulam nas relações dos adolescentes, situa os educadores de forma ativa e responsável pelo estabelecimento de relações mais saudáveis e protetivas.

Trabalhar a questão do uso de drogas pode gerar um estado de inércia pela complexidade do tema, mas essa inércia pode ser reduzida com um trabalho relacional e com o estabelecimento de vínculo com o adolescente: entender sua vida, suas relações, projetos de vida, sonhos.

O tema da droga começa a surgir à medida que as relações entre os vários atores da escola vão se ampliando e o adolescente se sente pertencente, acolhido e reconhece o ambiente escolar como um lugar de transformação.

O envolvimento do adolescente com o “mundo das drogas” exige a compreensão, por parte dos educadores, dos motivos que levam esse sujeito a usar ou abusar dessas substâncias. Nesse sentido, cabe ao educador relacionar esse uso às questões pessoais, às características da substância, à presença de fatores psicossociais em um determinado contexto sócio-histórico etc.

Assim, a rede de relações dos adolescentes apresenta uma enorme quantidade de variáveis que podem torná-los mais ou menos propensos ao uso de drogas ou a outras formas de envolvimento com a substância. Isso significa que não há como compreender a questão das drogas sem conhecer o adolescente e suas relações, bem como a forma como os diferentes fatores se conjugam em sua rede social.

Por essa razão, devemos acentuar que o primeiro passo de uma ação de prevenção é conhecer a rede do adolescente e os fatores de risco e de proteção presentes em sua rede. Desse modo, haverá a possibilidade de pensar estratégias para diminuir os fatores de risco e fortalecer os fatores de proteção identificados.

Além disso, o educador, a partir do conhecimento da rede social do adolescente, poderá auxiliá-lo a realizar uma autoavaliação e a se conscientizar sobre o que pode se configurar como risco e proteção em sua rede pessoal.

Para que possa haver a realização dessas estratégias, é importante que o educador amplie o conhecimento das redes sociais de seus alunos em diferentes níveis de sua vida relacional: família, escola, amizades e comunidade.

## SITUAÇÕES DE RISCO E SITUAÇÕES DE PROTEÇÃO NAS REDES SOCIAIS DE ADOLESCENTES

### **REDES SOCIAIS NO CONTEXTO DA FAMÍLIA**

---

A adolescência é o momento familiar em que os pais têm que rever regras, negociar e equilibrar limites e papéis familiares para que não se tornem rígidos demais e nem muito permissivos, sem regras claras e com papéis soltos.

Num sistema familiar com regras e papéis inflexíveis, o adolescente pode encontrar na transgressão e no uso de drogas, o espaço para conseguir se manifestar, ter voz e ser protagonista.

Em contraponto, a falta de limites pela família pode fazer com que o adolescente procure a lei e a interdição fora do ambiente familiar.

Quando os pais têm dificuldades nesse processo, tornam-se rígidos ou flexíveis demais e não conseguem estabelecer diálogo com o adolescente, ele pode reagir de forma adversa. É comum os pais acharem que não são mais ouvidos nem levados a sério, o que pode levá-los a se afastarem dos filhos antes que os filhos se afastem dos pais, invertendo os papéis.

Enquanto os pais estão na difícil tarefa de equilibrar as regras familiares, os adolescentes estão buscando autonomia e pertencimento. O adolescente precisa sentir que está à frente de sua vida, que tem autonomia para tomar decisões.

Ao mesmo tempo, precisa se sentir pertencente aos grupos de pessoas que se formam a sua volta (amigos, família, escola, comunidade). Quando a família e o adolescente não elaboram bem esses dois momentos, os adolescentes podem se tornar muito observadores, não deixando escapar nenhum detalhe quanto às contradições de seus pais, armando-se desse (re)conhecimento para criticá-los. Nessa fase, é preciso, portanto, que a família crie ou reforce ambientes de diálogos e relações afetivas.

Assim, essas questões nos levam a pensar, no âmbito familiar, em alguns fatores de risco e proteção, em relação ao envolvimento do adolescente com o uso de álcool e outras drogas:

RISCO	PROTEÇÃO
Presença do uso ou abuso de drogas lícitas e ilícitas no ambiente familiar.	Sentimento do adolescente de pertencimento e integração ao sistema familiar.
Relações conflituosas na família.	Relações harmoniosas com a família.
Presença de violência como estratégia para lidar com conflitos.	Presença de diálogo como estratégia para lidar com conflitos.
Ausência de referência de autoridade e de limites definidos e respeitados.	Presença de referência de autoridade e limites definidos e respeitados.
Rigidez ou permissividade na negociação de regras familiares.	Flexibilidade na negociação de regras familiares.
Baixas expectativas e baixo investimento familiar em relação ao futuro e ao projeto de vida.	Boas expectativas e investimento familiar em relação ao futuro projeto de vida do adolescente.
Baixas expectativas e baixo nível de confiança do adolescente em relação ao sistema familiar.	Boas expectativas e alto nível de confiança do adolescente em relação ao sistema familiar.

**Quadro 1:** Fatores de proteção e fatores de risco no contexto familiar. **Fonte:** NUTE-UFSC (2016).

A forma como a família vai lidar com as tarefas de negociar regras e limites com os adolescentes vai depender de suas características. Nesse sentido, quando situamos a família no estudo dos fatores de risco e proteção em relação ao envolvimento do adolescente com as drogas, consideramos importante conhecer suas características culturais, sociais e econômicas. Pois, apesar de, muitas vezes, as famílias apresentarem dinâmicas e características semelhantes, elas possuem particularidades conforme a condição socioeconômica e cultural.

Observa-se, por exemplo, que:

- filhos de famílias de populações pobres podem ser encaminhados ao mercado de trabalho muito cedo;
- algumas etapas da vida como a infância e a adolescência podem ser encurtadas, dependendo do contexto no qual a pessoa está inserida.

Essas situações podem ocorrer porque o sistema familiar, em muitos casos, não consegue prover o adolescente quanto à ajuda material, acesso a bens, serviços e outros.

Outros aspectos referem-se às características da comunicação e expressão do afeto no sistema familiar, englobando, desse modo, tanto a aquisição da linguagem quanto a imitação gestual, vocal e das condutas dos pais e outros membros familiares.

Nesse sentido, a família pode ter diversas formas de expressar o seu afeto: por meio de falas, gestos, sorrisos, ações de cuidados, promoção de ambiente de lazer familiar. Assim, em famílias que apresentam dificuldades em expressar afeto, o envolvimento do adolescente com drogas pode funcionar como um reflexo da relação familiar conturbada.

## SITUAÇÕES DE RISCO E SITUAÇÕES DE PROTEÇÃO NAS REDES SOCIAIS DE ADOLESCENTES

## REDES SOCIAIS NO CONTEXTO DA ESCOLA

Como a abordagem das redes sociais dos adolescentes constitui uma efetiva estratégia de prevenção, desenvolvemos um instrumento e uma metodologia de mapeamento que facilitam aos educadores e aos próprios adolescentes adentrarem na avaliação dos fatores de risco e dos fatores de proteção presentes nas redes sociais.

Esse diagnóstico poderá fundamentar a abordagem preventiva, o que vai gerar ações junto à família, ao grupo de amigos ou à comunidade e, principalmente, junto ao contexto da escola.

Citamos, a seguir, alguns fatores de risco e de proteção que o educador pode observar, pois estão presentes tanto nas relações pessoais do aluno com a escola quanto nas relações com o educador e com a escola como parte da comunidade.

	FATORES DE RISCO	FATORES DE PROTEÇÃO
<b>PERTENCIMENTO ESCOLAR</b>	Vivência de exclusão nas relações escolares.	Pertencimento e valorização do aluno pela escola.
	Incoerência na exigência de cumprimento das regras na escola.	Presença de regras claras e referências de autoridade na escola.
	Ausência de relações de cooperação entre a família e a escola.	Relação de cooperação entre a família e a escola.
<b>RELAÇÃO EDUCADOR-ALUNO</b>	Insensibilidade e distanciamento na relação professor-aluno.	Relações de respeito entre educador e aluno.
	Frustração e pressão diante das experiências de aprendizagem.	Experiências positivas de aprendizagem.
	Desmotivação e desengajamento em relação às atividades escolares.	Estímulo e motivação para as atividades escolares.
<b>O ESPAÇO DA ESCOLA E FRONTEIRAS COM A COMUNIDADE</b>	Proximidade da rede de distribuição de drogas com a escola.	Realização de programas de prevenção do envolvimento com drogas pela escola.
	Relações com os colegas usuários de drogas dentro da escola.	Mobilização e conscientização para conhecimento sobre a realidade de consumo de drogas na escola
	Ausência de conhecimento e controle da escola sobre a presença de drogas.	A escola como ambiente seguro e protetor.
<b>(RE) SIGNIFICAÇÃO DO TRABALHO</b>	Realização de trabalho em condições adversas, como: atividades ilícitas e trabalho infantil.	Oportunidades concretas para a inserção profissional do

**Quadro 2:** Fatores de risco e fatores proteção no contexto escolar. **Fonte:** NUTE-UFSC (2016).

## SITUAÇÕES DE RISCO E SITUAÇÕES DE PROTEÇÃO NAS REDES SOCIAIS DE ADOLESCENTES

### REDES SOCIAIS NO CONTEXTO DAS AMIZADES/NAMORO

A observação das interações de grupos de jovens no contexto da amizade e do namoro fornece ao educador informações fundamentais que podem, assim, compreender a força da coesão grupal nessas duas circunstâncias.

	FATORES DE RISCO	FATORES DE PROTEÇÃO
<b>PERTENCIMENTO A GRUPO DE AMIGOS</b>	O adolescente não conseguir pertencer a nenhum grupo de amigos.	O adolescente se sentir pertencente a um grupo de amigos.
	O adolescente só pertencer a grupos com predominância de hábitos não saudáveis.	O adolescente ser pertencente a grupos com hábitos saudáveis.
<b>CARACTERÍSTICAS DOS GRUPOS DE AMIGOS</b>	Grupo com regras muito rígidas e papéis hierarquizados.	O grupo que dá espaço ao adolescente para se manifestar, ser protagonista.
	Grupo violento.	Grupo que não precisa recorrer à violência para solucionar problemas.
<b>VEICULAÇÃO DA DROGA NO CONTEXTO DAS AMIZADES</b>	Grupos cujos ambientes de lazer envolvem uso de drogas.	Grupo com ambientes de lazer saudáveis, sem uso de drogas.
	Grupo envolvido com tráfico de drogas.	

**Quadro 3:** Fatores de risco e fatores de proteção no contexto das amizades/namoro. **Fonte:** NUTE-UFSC (2016).

## SITUAÇÕES DE RISCO E SITUAÇÕES DE PROTEÇÃO NAS REDES SOCIAIS DE ADOLESCENTES

### REDES SOCIAIS NO CONTEXTO DA COMUNIDADE

A dimensão comunitária envolve o ambiente físico no qual o adolescente está inserido no seu dia a dia, ou seja, sua vizinhança, seu bairro e outros espaços de congregação que ele considera como parte de suas relações comunitárias. Nesse sentido, o espaço comum de convivência compõe sua noção de comunidade.

Outra dimensão da comunidade é o pertencimento a grupos de diferentes naturezas, que compartilhem credos, crenças, atividades e ações, como igrejas, grupos de dança, grupos de estudo, ONGs etc.

Na comunidade, o adolescente percebe como é seu acesso a serviços disponíveis e a bens de consumo compartilhados e cobiçados pela sua comunidade; portanto, ele é constantemente incentivado ao consumo de roupas, músicas, revistas, bares, espaços virtuais, entre outros.

É comum a construção da imagem do adolescente ideal como aquele que mais consome e propõe consumo. Assim, com frequência, o adolescente, na busca por identificar-se a novos ideais, grupos e congregações sociais, pode vir a consumir drogas.

	FATORES DE RISCO	FATORES DE PROTEÇÃO
PERTENCIMENTO COMUNITÁRIO	Fácil acesso a drogas e violência na comunidade.	Acesso a espaços de lazer, convívio, circulação.
	Comunidade com forte apelo de consumo.	Acesso a bens e serviços.

**Quadro 4:** Fatores de risco e fatores de proteção relacionados ao pertencimento comunitário. **Fonte:** NUTE-UFSC (2016).

A proposta, aqui, não é lutar contra as drogas, mas contra os fatores de risco que colocam o adolescente em vulnerabilidade para o uso de tais substâncias.

Se, por um lado, é impossível vivermos ou oferecermos aos adolescentes uma sociedade sem álcool e outras drogas, estão em nosso pleno alcance a possibilidade e a decisão de construirmos uma sociedade mais preparada para o enfrentamento dos problemas gerados pelo crescente uso dessas substâncias. Assim, cada um de nós, como membros de uma comunidade, pode contribuir para evitar os fatores de riscos sociais e econômicos que favorecem o consumo e a oferta de drogas.

A prevenção do uso de drogas, ao mesmo tempo em que deve destacar o importante papel da família e da escola, não pode deixar de considerar o contexto maior do qual os adolescentes fazem parte.

Além de uma postura preventiva e educativa na família e na escola, espera-se uma postura política por parte do adolescente, pois urge na sociedade brasileira que se desenvolvam uma consciência e uma posição crítica em face dos fatores de risco dos contextos em que se inserem a família e a escola. Destacamos, a seguir, alguns desses fatores sobre os quais devemos lutar contra:

- a miséria, que pode incentivar nossos jovens e crianças a se tornarem pequenos traficantes;
- o abandono afetivo, que deixa espaço para o apego às drogas;
- o consumismo, que reconhece como sujeito apenas aquele que compra o último lançamento de um produto no mercado;
- a desumanização do ser humano, que pode encontrar nas drogas refúgio para sentir alguma emoção;
- o individualismo, que pode levar o jovem ao grupo de consumo de drogas, na ilusão de viver uma coletividade;
- a performance da perfeição, que exige cada vez mais do sujeito e pode remetê-lo ao estímulo químico para ampliar suas energias e sua competência que, paradoxalmente, o esgota e o submete.

A SENAD, em sua Semana Nacional sobre Drogas de 2004, teve como tema *redes sociais*, com um slogan interessante: "Gente depende de gente! Juntos temos mais força!". Esse slogan nos mostra o que exatamente precisamos: de gente e de uma política que tenha coragem de assumir que é nas relações sociais que nos constituímos como seres humanos. Não se trata, no entanto, de salvar os sujeitos das drogas; trata-se de assumir nosso lado humano em todos os sentidos, com o propósito de resgatarmos a nossa própria humanidade.

Gente precisa de gente e nesse princípio baseia-se a proposta das redes sociais, pois, se reconhecermos a nossa condição primeira como seres humanos, iremos procurar nossas redes sociais, nossos laços, nossos vínculos, nossa vontade de estar com o outro.

## SITUAÇÕES DE RISCO E SITUAÇÕES DE PROTEÇÃO NAS REDES SOCIAIS DE ADOLESCENTES

## Síntese Reflexiva

Neste módulo, buscamos suscitar a discussão da importância dos vínculos da rede social significativa e como esta se relaciona com os fatores de risco e os de proteção nos mais diversos âmbitos da vida de um adolescente. Além disso, discutimos como esses fatores estão na base de problemas relacionados ao uso de drogas e devem ser considerados fundamento para elaboração de projetos de prevenção.

A partir das contribuições deste módulo para a compreensão dos fatores de risco e de proteção que envolvem a vida dos adolescentes, que tal refletir sobre esse conjunto de fatores e verificar, no contexto em que você atua, quais deles estão presentes e como eles poderiam fundamentar o planejamento de um projeto de prevenção para o seu território?

## REFERÊNCIAS

### Textos

ALBERTANI, H. A escola e o uso de drogas. In: OCERIN, Juan. **Tá na roda, uma conversa sobre drogas**. São Paulo: Fundação Roberto Marinho e Secretaria Estadual de Educação/São Paulo, 2003.

ALMEIDA, F. N. et al. Estudo multicêntrico de morbidade psiquiátrica em áreas urbanas brasileiras. **Revista ABP-APAL**, São Paulo, v. 3, n. 14, p. 93-104, jul./set. 1992.

ALMEIDA, M. M. **Construção de uma proposta de avaliação dos fatores de risco e de proteção para o uso de drogas no contexto das redes sociais, de adolescentes em conflito com a lei**. 2009. 185 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Departamento de Psicologia Clínica e Cultura, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS DEPARTAMENTOS DE TRÂNSITO (ABDETRAN). **Impacto do uso do álcool e outras vítimas de acidente de trânsito**. Brasília: Cetad; Raid, 2007.

BEAGLEHOLE, R.; BONITA, R.; KJELLSTROM, T. **Epidemiológica básica**. Washington: Organización Panamericana de la Salud, 1994.

BRASIL. Ministério Da Saúde, Secretaria do Ensino Fundamental (SEF). **Parâmetros Curriculares Nacionais 5ª a 8ª série**. Temas transversais: Saúde. Brasília: MEC, 2000.

CARLINI-COTRIM, B. Drogas na escola: prevenção, tolerância e pluralidade. In: ADIALA, J. G. (Org.) **Drogas na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1998. p. 19-30.

\_\_\_\_\_. Movimentos e discursos contra as drogas: o caso da sociedade norte-americana. **Revista ABP-APAL**, São Paulo, v. 3, n. 17, p. 93-101, jul./set. 1995.

CARLINI-COTRIM, B. et al. **Consumo de drogas psicotrópicas no Brasil, 1987**. Brasília: Centro de Documentação do Ministério da Saúde, 1989. (Série C: Estudos e Projetos, 5).

CARLINI MARLATT, B. Estratégias preventivas nas escolas. In: SEIBEL, S. D.; TOSCANO, A. (Org.). **Dependência de drogas**. São Paulo: Atheneu, 2001. p. 191-197.

CARLINI, E. A. **II Levantamento Nacional Sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras – 2004**. Brasília: Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID); Departamento de Psicobiologia da Escola Paulista de Medicina e Secretaria Nacional Antidrogas, 2004.

CARLINI, E. A. et al. **II Levantamento Domiciliar sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país – 2005**. Brasília: Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID); Departamento de Psicobiologia da

Escola Paulista de Medicina e Secretaria Nacional Antidrogas, 2006.

\_\_\_\_\_. **II Levantamento nacional sobre o uso de psicotrópicos entre estudantes de 1º e 2º graus – 1989**. Brasília: Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID); Departamento de Psicologia da Escola Paulista de Medicina, 1990.

\_\_\_\_\_. **Levantamento nacional sobre o uso de drogas entre crianças e adolescentes em situação de rua nas 27 capitais brasileiras – 2003**. Brasília: Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID); Departamento de Psicobiologia da Escola Paulista de Medicina e Secretaria Nacional Antidrogas, 2004.

COLLE, F. X. **Toxicomanias, sistemas e famílias**. Tradução de M. J. Pereira. Lisboa: Climepsi, 2001.

PRADO, D. **O que é família?** Brasiliense: São Paulo, 1982.

SLUZKI, C. E. **A rede social na prática sistêmica: alternativas terapêuticas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

SCIVOLETTO, S. Abuso e Dependência de Drogas. In: SAITO, M.I.; SILVA, L. E. V. (Orgs.). **Adolescência: prevenção e risco**. São Paulo: Atheneu, 2001. p. 365-385.

SUDBRACK, M. F. O. Terapia familiar sistêmica. In: SEIBEL, S. D.; TOSCANO Jr., A. (Orgs.). **Dependência de drogas**. São Paulo: Atheneu, 2001. p. 403-415.

SUDBRACK, M. F. O.; PEREIRA, S. E. N. F. **Adolescentes e drogas no contexto da Justiça**. Brasília: Editora Plano, 2003.

ZEMEL, M. L. S. O papel da família no tratamento da dependência. **Revista IMESC**, São Paulo, v.2, n.3, p. 43-63, 2001.

#### Imagens

AMARAL, Tarsila do. Operários. 1933. Pintura, óleo sobre tela, dimensão: 150cm x 205cm. Acervo Artístico-cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo. 1 fotografia digitalizada da pintura por Tarsila Site Oficial, color. Altura: 590 pixels. Largura: 462 pixels. 96 dpi. 279 KB. Formato: PNG. In: TARSILA Site Oficial. **Obras** [on-line], [s.l.], 2016. Disponível em: <<http://tarsiladoamaral.com.br/obras/social-1933/>> (<http://tarsiladoamaral.com.br/obras/social-1933/>)>. Acesso em: 11 abr. 2016.

PORTINARI, Candido. Crianças brincando. 1937. Pintura, óleo sobre tela dimensão: 38 X 46 cm. Museu da arte moderna. 1 fotografia digitalizada da pintura por Projeto Portinari, color. Altura: 206 pixels. Largura: 250 pixels. 300 dpi. 11.5 KB. Formato: JPG. In: PROJETO Portinari. **Obras** [on-line], Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<http://www.portinari.org.br/#/acervo/obra/2906/detalhes>> (<http://www.portinari.org.br/#/acervo/obra/2906/detalhes>) > Acesso em: 11 fev. 2016.

#### Músicas

BUARQUE, C. Meu guri. Intérprete: Chico Buarque. In: Buarque, C. **Almanaque**. Rio de Janeiro: Ariola; Phillips, 1981. 1LP. Faixa 3, lado 1.

#### Vídeos

QUAL é a boa?. Produção: Universidade de Brasília. Animação: Rogrigo Mafrá. Direção: Armando Bulcão e Marcelo Spomberg. Edição: Alvaro Mourão e Robson Cavalcanti. Brasília: UNB, 2012. 1 vídeo (12m54s), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=R5WSrJpi9oQ>> (<https://www.youtube.com/watch?v=R5WSrJpi9oQ>)>. Acesso em: 20 jan.2016.





